

Motley: não adianta discutir, mas pagar

O ex-secretário para Assuntos Internacionais dos Estados Unidos, *Antony Motley*, disse ontem em São Paulo não acreditar em soluções políticas para os problemas econômicos ao referir-se à dívida externa do Brasil. Ele acha, porém, que o País encontrará a saída para mais este desafio como tem demonstrado no passado. "O problema é difícil, mas tanto banqueiros como países devedores e credores estão fazendo seus ajustes", comentou, ao salientar que o Brasil tem progredido nos últimos anos, pois em 1982 não tinha mais de US\$ 200 milhões de reservas e hoje elas ultrapassam US\$ 6 bilhões.

Não adianta discutir, em sua opinião, se é justo pagar a dívida externa à custa de recessão interna, pois "são obrigações que o governo do Brasil assumiu e tem que cumprir". O que importa é encontrar o caminho adequado e o "Brasil tem demonstrado que tem condições de superar seus problemas", acrescentou, ao citar o avanço da produção automobilística, das exportações, principalmente da Engesa e Embraer, e os programas de substituição de energia importada, tanto o aumento da produção de petróleo como o de álcool. São essas mesmas soluções criativas, que o Brasil precisa encontrar para honrar a dívida externa, que Motley aponta como o caminho para toda a América Latina.

CRESCIMENTO

Em seu pronunciamento na Câmara Americana de Comércio, Motley enfatizou que para a América Latina crescer à uma taxa de 5% ao ano necessitará de US\$ 47 bilhões de novo capital. Mas os banqueiros, segundo ele, dizem que não têm esse dinheiro, então é preciso encontrar "soluções criativas" para preencher essa lacuna. Entre as várias teorias possíveis, Motley aponta para a atração de investimentos, que se transformam em patrimônio, ao contrário dos empréstimos em dinheiro que só agravam o endividamento. Nesse sentido, fez um paralelo entre a vinda de Capital externo e a eletricidade: "nos caminhos onde houver

menos resistência, penetram mais facilmente".

Assim, apesar de salientar que o assunto é de política interna, acha que o Brasil precisa atrair capital estrangeiro e, por isso, não deve impor resistências. Dentro desse raciocínio não quis comentar a atual reserva de mercado no setor de informática, dizendo apenas que o assunto foi discutido com o governo brasileiro antes de ser aprovada a lei, mas que a decisão é do País. Ao mesmo tempo em que critica o protecionismo brasileiro, Motley justifica o protectionismo norte-americano, necessário, segundo ele, devido ao déficit interno de US\$ 140 bilhões.

Motley, que esteve segunda-feira com o presidente José Sarney levando uma mensagem de apoio do presidente Reagan, comentou também que o relacionamento entre os dois países tem evoluído muito nos últimos quatro anos, citando acordos como de cooperação nuclear e militar. O ex-secretário norte-americano analisou ainda a situação da América Latina em contraste com os países asiáticos. Segundo ele, na década de 60, os Estados Unidos emprestaram para os dois continentes, mas o asiático não teve problemas porque investiu em estrutura, que produção, crescimento e exportação, enquanto a AL aplicou em infra-estrutura (transporte, comunicações, etc).

Com relação à política externa, Motley admitiu que a Nicarágua "perturba os Estados Unidos pela proximidade" e disse que a retaliação comercial só acabará quando o país "voltar à família da América Central", onde todos os países são democráticos e respeitam os direitos humanos. Acrescentou que o governo Reagan não quer "outra Cuba nem outro Vietnã". E sobre o reabamento do comércio Cuba-Brasil disse que haveria mais problemas que benefícios: "O que vai exportar e com que dinheiro Cuba vai pagar?", indagou, ao concluir que o assunto cabe às autoridades brasileiras decidirem.